

Educador (senso) comum

Por Cassiano Zeferino de Carvalho Neto

É novembro de 1606. Você se encaminha para o *auditorium* onde ministrará sua palestra, como o faz todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, como *professor*¹. Ao chegar observa os aluminus² adequada e comportadamente assentados nos bancos de madeira, livros fechados sobre os apoios frontais; você sobe os degraus que o conduzem ao púlpito, e logo se vê acima das cabeças erguidas para contemplá-lo, silêncio absoluto. Assim começa a suma diária acompanhada com atenção total pelos discentes. E assim, ao longo daquele século, e nos dois séculos seguintes, dia após dia, semana após semana, ano após ano, afinal era preciso garantir que as verdades fossem repassadas com absoluta fidelidade. Uma vírgula, sequer, poderia ser alterada e para isso se fazia necessário o concurso da memorização precisa. Era dever de cada um e de todos que as instituições se mantivessem exatamente do jeito que estavam a cada dia mais fortes, coesas e uníssonas em suas crenças e valores.

O tempo passou e naquela tarde de novembro de 1896, você vê parte daquela parede branca agora pintada de negro, com uma moldura de madeira, um suporte dispendo de bastões brancos e de um apagador. Enfim o primeiro quadro-negro chegara à sua escola e os auditórios deixavam de se *auditorium*, para passarem a ser salas de aula. Mas, era tão estranho aquilo! Afinal você estava tão à vontade em dar suas palestras exclusivamente expositivas, como faria agora para ainda ter de usar aquela parede pintada de negro, com giz, produzindo tanta poeira... Bem, ao menos, aquilo tudo era algo que mais dia, menos dia, desapareceria no esquecimento, voltando ao ponto de partida de algumas cabeças que ao invés de darem suas palestras ficavam inventado moda!

Mas, como o tempo não para, ele passou outra vez.

Novembro de 1960. Você se encaminha para a sala de aula onde organizou um conjunto de atividades pautadas nas recentes leituras feitas na obra de Jean Piaget. Apesar da novidade que se levanta, dia após dia, sobre aquelas considerações teóricas revolucionárias, aceitas com ceticismo por muitos, ainda, você ousa encaminhar uma aula com uma maior participação dos seus alunos. Para isso organizou uma atividade (que não era apenas um

¹ Aquela que, publicamente, professa suas doutrinas.

² Para quem não recorda, os alunos, isto é, os desprovidos de luz.

ativismo, como muitos criticavam!) que envolvia a proposição de um problema prático para ser resolvido pelos estudantes organizados em grupos. Tendo por suporte as fundamentações teóricas de Piaget e a visão epistemológica dada por Gaston Bachelard, você apostava no fato de que a resolução de um problema oportunizaria a construção de conhecimento e, de quebra, ainda poderia suscitar reflexões que ajudariam os estudantes a dar conta do processo de resolução do referido problema e, ainda, a criarem relações de causa e efeito, isto é, arriscando propor algumas justificativas teóricas para dar conta de explicar o que ocorreria. E assim começou sua aula revolucionária. Nada que se parecesse com aquelas crianças (forçadamente) comportadas, sentadas de modo que uma poderia ver as costas das outras, porém mais soltas e envolvidas em resolver em equipe o problema proposto, e assim foi.

Muita água ainda passaria por debaixo das pontes pedagógicas. Lev Vygotsky também seria descoberto no ocidente e ainda que nascido no mesmo ano que Piaget, 1896, viera a falecer na Rússia, com trinta e poucos anos, ainda jovem, portanto, enquanto o mestre suíço viveria até avançada idade, alcançando o último quarto do século XX. Juntamente com outros teóricos como Leontiev e Bakhtin, Vygotsky traria uma contribuição notável aos referenciais teóricos da ciência da educação.

Novembro de 2006. Você se dirige para a sala de aula. Tendo organizado um projeto, em acordo com os estudantes, hoje seria o dia da apresentação inicial dos grupos de trabalho. Aliás, muito trabalho de investigação, envolvendo consultas, discussões e organização das informações, num autêntico clima de pesquisa, havia desafiado os estudantes a enfrentar as questões fundamentadas e apresentadas no projeto. Esta apresentação seria, na verdade, uma prévia para um momento de “Escola Aberta”, aonde a comunidade viria a participar na semana seguinte. Como ensinara Freinet, as portas da escola devem estar abertas para o mundo! Ao começarem as apresentações, mais e mais um aspecto ficava evidente: a autoria dos estudantes, em praticamente todos os contextos nos quais foram desafiados. E não era somente ciência, na acepção de uma epistemologia: havia também sensibilidade, humanidade em aspectos vitais, responsabilidade social. E então, no recôndito de seu íntimo, você misteriosamente se lembrava das palestras ministradas a partir da cátedra, no século XVII, o silêncio mortal, onde participar significava calar-se para bem ouvir; recordava também dos idos de 1896 e pensava como aquela mídia em preto-e-branco acabara se mantendo, apesar da resistência inicial dos docentes e sofrera mudanças, mas ainda mantinha-se útil, agora bem menos, nas aulas. E se lembrou também de 1960, quando já se amparava em teorias mais bem elaboradas pela psicologia cognitiva, pelas pedagogias e pela contribuição de outras ciências que acorreram para aclarar os fundamentos científicos da educação.

Em meio a tantas lembranças, eis que uma idéia emerge, como que rasgando os limites da consciência: ao longo do tempo as filosofias da educação afinal passaram a sofrer os impactos das concepções psicopedagógicas, da biologia, da medicina, da sociologia e de outras ciências. E, de crenças mais ou menos baseadas em senso comum, a educação acendera como ciência do conhecimento, ainda que em construção, porém agora amparada por epistemologias fundamentadas em pesquisas científicas, afastando-se, portanto, dos achismos...

Um horizonte de longo alcance se abre diante da mente: era possível ousar, contando com referenciais mais consistentes, um mundo de descobertas, autoria e conhecimento sem fim!

Que maravilha - pensou então: agora não mais, docente (senso) comum.

REFERÊNCIA

CARVALHO NETO, C. Z. Por uma escola inteligente. IGGE – Instituto Galileo Galilei para a Educação: São Paulo, 2005.

Cassiano Zeferino de Carvalho Neto tem Pós-doutorado em andamento no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA); Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC/UFSC); Mestrado em Educação Científica e Tecnológica (ECT/UFSC); Especialidade em Qualidade na Educação Básica (INEAM/OEA/USA) e Licenciatura em Pedagogia, com complementação em Física (PUCSP). Fundador da Laborciencia Editora, do Instituto para a Formação Continuada em Educação (IFCE) e do Instituto Galileo Galilei para a Educação (IGGE).

Artigo originalmente publicado na Revista Direcional Educador, novembro/2006.